

## A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA FALA DE GOIÁS

Shirley Eliany Rocha Mattos\*

**Resumo:** Apresentamos pesquisa variacionista (LABOV, 1972 [2008]; 1994; 2001), com o suporte do Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), acerca da: 1) alternância de uso entre *nós* e *a gente* e da 2) concordância verbal variável com *nós* na oralidade urbana de Goiás, Centro-Oeste brasileiro. Foram entrevistadas 55 pessoas, 28 mulheres e 27 homens, com 10 anos ou mais de escolarização, entre 16 e 86 anos. Os resultados estatísticos apontaram predomínio do *a gente* (78%), semelhantemente ao registrado em outras áreas urbanas brasileiras. Esse nível de uso de *a gente* coexiste com 21% de singular verbal com *nós*, diferentemente do registrado em outras áreas urbanas. Uma matriz cultural de base rural valorizada no Estado fundamenta a compreensão da variação verbal com *nós*, um uso identitário local; o desenvolvimento econômico urbano e a expansão da imigração no Estado fundamentam a compreensão do avanço do *a gente*, um uso identitário nacional. As variáveis sociais apontam que os jovens (0,70), as mulheres (0,60) e os falantes com até 10 anos de escolarização (0,69) favorecem o *a gente* na comunidade. Esses mesmos agentes, os jovens (0,82), as mulheres (0,70) e os falantes com até 10 anos de escolarização (0,80), favorecem o verbo no singular com *nós*.

**Palavras-chave:** Fala goiana. Primeira pessoa do plural. Alternância *nós/a gente*. Variação verbal com *nós*.

**Abstract:** We present a variacionist research (LABOV, 2008 [1972]), with the support of Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), about: 1) the alternation between *nós* (we) and *a gente* (we) and 2) the variable verbal agreement with *nós* (we) in the urban speech of Goiás. We interviewed 55 people, 28 women and 27 men, with at least 10 years of schooling, and age between 16 and 86 years. The statistical results showed a predominance of *a gente* (we) (78%), similarly to results in other Brazilian urban areas. This level of *a gente* (we) coexists with 21% of singular verbal with *nós* (we), unlikely the results in other urban areas. A rural-based cultural matrix is a means to understand the verbal agreement (singular) with *nós* (we), a linguistic local identity value. The urban economic development and the expansion of the immigration in the State are bases to understand the advance of *a gente* (we), a linguistic national identity value. The social variables indicate that young people (0.70), women (0.60) and speakers with up to 10 years of schooling (0.69) favor *a gente* (we) in the community. These same agents, young people (0.82), women (0.70) and speakers with up to 10 years of schooling (0.80), likewise favor the singular verb with *nós* (we).

**Keywords:** The speech of Goiás. First person plural. Alternation between *nós/a gente* (we). Verbal agreement with *nós*.

---

\* Professora Doutora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, Goiás. E-mail: shirley.rmattos@gmail.com.

## Introdução

Em Goiás, casos de concordância verbal não padrão com a forma pronominal de primeira pessoa do plural *nós* do tipo "depois *nois conversa*" são correntes, ouvidos em diversos contextos sociais, saem da boca de goianos e goianas de diferentes níveis de escolarização e localmente não acarretam desprestígio. Em outras áreas urbanas do país, porém, esse é um uso linguístico estigmatizado, tido como próprio da fala de pessoas com pouca ou nenhuma escolarização.

Essa diferença de uso e de avaliação goiana de um fenômeno linguístico estigmatizado em grande parte das áreas urbanas do país nos instigou a pesquisar sobre primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na oralidade de Goiás. Para a amostra foram entrevistadas 55 pessoas, representando 20 municípios goianos, a fim de analisar os fenômenos da alternância de uso *nós* vs. *a gente* e da concordância verbal variável com *nós*.

A língua portuguesa em Goiás tem instigado pesquisadores e levado à publicação de um crescente número de estudos linguísticos, de que são alguns exemplos: Pádua (2002), Santos e Pádua (2004), Nascimento (2009), Rezende Santos (2008), Salles (2004), Borges e Salles (2005), Borges (2008), Rezende (2013), Nazário (2013).

Além disso, desde 2004, o Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília, na coordenação da Dra. Heloísa Moreira Lima Salles, tem desenvolvido o projeto "O Centro-Oeste na História do Português Brasileiro" (BORGES, LIMA-SALLES e PILATI, 2013, p. 219-237) vinculado por sua vez ao projeto "Para a História do Português Brasileiro" da USP. A hipótese de trabalho desses pesquisadores é de que, no Centro-Oeste, as peculiaridades sócio-históricas propiciaram o desenvolvimento de uma língua portuguesa com características próprias.

Queremos crer que nossa pesquisa, baseada na fala de Goiás, pode, em alguma medida, contribuir para ampliar a compreensão das peculiaridades do Português Brasileiro (PB) do Centro-Oeste, especialmente o falado em Goiás<sup>1</sup>. A investigação se baseou na perspectiva teórico-metodológica da Teoria da Variação e da Mudança Linguística de base laboviana (Labov, 2008[1972]; 1994; 2001; Sankoff, 1998a; 1998b; Weinreich, Labov & Herzog, 2006[1968], com utilização do programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005).

---

<sup>1</sup> As pesquisas sociolinguísticas referidas não abrangem o território do Distrito Federal.

Destacamos que nossa análise se alicerça na interpretação dos resultados estatísticos das variáveis sociais, as quais revelaram os aspectos mais estreitamente relacionados à comunidade de fala goiana.

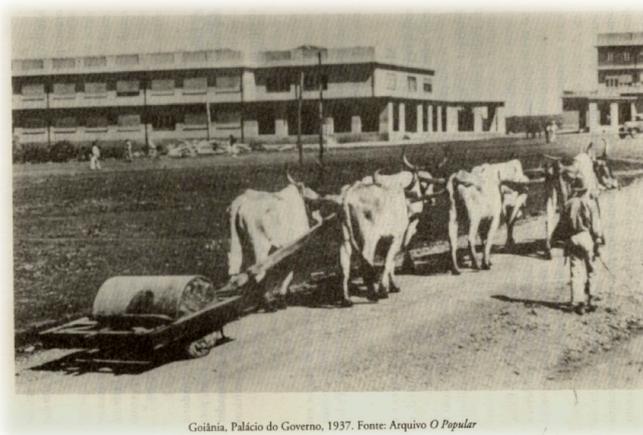
### **Goiás: passado e presente**

Consta que o Estado de Goiás foi desbravado pelos fins do século XVI, mas efetivamente povoado a partir da descoberta do ouro no século XVIII (ESTEVAM, 2004, p. 21 - 24). Nasce como território pertencente à Capitania de São Paulo, centro difusor das expedições bandeirantes (ASSIS, 2005, p. 25). Acabado o curto ciclo de exploração mineratória, de menos de 3 décadas, a pecuária passa a ser a atividade econômica fundamental, na realidade mais responsável pela fixação do homem no território do que por alguma dinâmica econômica no cenário nacional.

Foi a chegada da estrada de ferro no início do século XX, originária do território paulista, que começou a alterar esse quadro. Por isso se diz que o desenvolvimento econômico inicial de Goiás no século XX é visto como um produto de sua articulação com o centro econômico paulista (ESTEVAM, 2004).

Até meados do século XX, a população goiana permaneceu praticamente rural. Em 1940, o censo do IBGE apontou 81,5% da população do Estado nessa condição. A fundação de Goiânia, em 1933, e sua inauguração oficial em 1942, acontecem nesse contexto predominantemente rural, como ilustrado na Figura 2, uma foto tirada por ocasião da construção do Palácio do Governo, em Goiânia, com as ferramentas de terraplanagem utilizadas na época: parelhas de bois.

**Figura 2** - Construção do Palácio do Governo em Goiânia, a nova capital (1937)<sup>2</sup>



Goiânia, Palácio do Governo, 1937. Fonte: Arquivo *O Popular*

Fonte: CHAUL, 2002. p. 227.

Entre 1940 e 1960, o processo de urbanização do Estado se acelera. No entanto, as cidades goianas se expandiram mais à custa do êxodo rural em si do que à custa da criação de condições econômicas favoráveis à absorção do contingente populacional (ESTEVAM, 2004, p. 112), à semelhança do ocorrido no restante do país onde "teve lugar uma urbanização caótica provocada menos pela atratividade da cidade do que pela evasão da população rural" (RIBEIRO, 1995, p. 199).

A inauguração de Brasília, em 1960, e os incentivos governamentais para a ocupação do Centro-Oeste, nos anos 1970, promoveram movimentos migratórios expressivos e notáveis empreendimentos agropecuários na região. Em função desse progresso, entre os anos de 1980 e 2016 o território de Goiás teve um aumento populacional considerável, passando de pouco mais de 3 milhões de habitantes em 1980 para 6.695.855 milhões em 2016<sup>3</sup>. Tendo-se em vista que em 1988 o antigo território do Estado de Goiás foi dividido nos Estados do Tocantins e de Goiás<sup>4</sup>, o salto de desenvolvimento de Goiás torna-se ainda mais impressionante.

Tem-se ampliado na imprensa brasileira em geral as menções ao Estado de Goiás. Algumas delas dizem respeito ao desempenho de goianos e de goianas em telenovelas do SBT e da Rede Globo, à vitória de goianos em duas edições do BBB (Big Brother Brasil), à vitória de um goiano de 13 anos de idade no quadro Soletrando do Programa Caldeirão do Huck entre outros destaques. Ficou para trás a repercussão negativa do Estado causada

<sup>2</sup> Goiânia, Palácio do Governo (1937). O concreto armado e a arquitetura moderna da época contrastavam com o meio de transporte rudimentar. Fonte: CHAUL, 2002. p. 227.

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: < [ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2016/estimativa\\_2016\\_TCU.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2016/estimativa_2016_TCU.pdf)>. Acesso em 15 mar. 2016.

<sup>4</sup> O atual Estado do Tocantins foi criado em ato da *Constituição Federal* de 1988, ficando o Estado de Goiás com a porção centro-sul do antigo território.

principalmente pelo desastre com o Césio 127, o maior acidente radioativo do Brasil, ocorrido em Goiânia em setembro de 1987.

Fatores positivos na composição de um perfil atual do Estado são de três ordens: um acentuado crescimento econômico: 5,4% contra 2,7% da taxa de crescimento nacional<sup>5</sup>; um aumento constante do número de imigrantes, 30,2% da população em 2014 segundo o IBGE<sup>6</sup>; e uma constante valorização e divulgação das raízes culturais de base rural, de que são exemplos os muitos eventos anuais ligados à agropecuária e uma grande produtividade no setor da música sertaneja, com duplas como Zezé Di Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo, Bruno e Marrone, Felipe e Falcão, Cesar Menotti e Fabiano, Matogrosso e Mathias, Guilherme e Santiago, Chrystian e Ralf, Jorge e Mateus e tantas outras.

No tocante ao desenvolvimento econômico, Goiás, devido a sua localização favorável ao escoamento de produtos para as demais regiões brasileiras (ver destaque na Figura 1), tem atraído investimentos externos expressivos, os quais se beneficiam igualmente das melhorias contínuas na infraestrutura e na capacitação de mão de obra no Estado. Na mesma proporção tem crescido o fluxo migratório para Goiás, interessado na dinâmica econômica e na qualidade de vida em Goiás, particularmente em sua capital, Goiânia<sup>7</sup>.

**Figura 1 – O Estado de Goiás no Brasil**<sup>8</sup>



Fonte: <http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/Estados/>

<sup>5</sup> Os cálculos relativos a Goiás foram estimados pelo Instituto Mauro Borges de Estatística e Estudos Socioeconômicos, órgão vinculado à SEGPLAN (Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento) do governo de Goiás. Disponível em: < [http://www.seplan.go.gov.br/sep/indicadores/goias.asp?id\\_cad=6000](http://www.seplan.go.gov.br/sep/indicadores/goias.asp?id_cad=6000)>. Acesso em 25 jul. 2013.

<sup>6</sup> Fonte: *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015* / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. p. 12.

<sup>7</sup> Goiás é o novo trevo econômico do Brasil. *Jornal Opção*, Ed. 2022. Goiânia, 06 a 12 abr. 2014. Disponível em: < <http://www.jornalopcao.com.br/posts/reportagens/goias-e-o-novo-trevo-economico-do-brasil>>. Acesso em 10 fev. 2016.

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/Estados/>

Essas transformações no perfil socioeconômico do Estado, agora urbano em 92,2%<sup>9</sup>, no entanto, não tem alterado a característica de valorizar a cultura do campo e sua simplicidade, rotina facilmente reconhecível no modo de ser e de viver goianos, indo muito além da fruição da música sertaneja e de suas muitas e bem sucedidas duplas profissionais, cujas origens históricas remontam aos cantares em falsete e em duos, usuais na colonização no século XVIII (BERTRAN, 1997, p. 30).

A avaliação positiva do rural faz evoluir economicamente também o ecoturismo de trilhas, da exploração de cavernas, das rotas de pesca, das fazendas coloniais, do balneário de águas termais; dos eventos ligados à agropecuária, como exposições de gado, rodeios, vaquejadas e festas do Peão de Boiadeiro; das romarias e festas religiosas, como por exemplo, a Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, e a Festa do Divino Espírito Santo, com as Cavalhadas de Pirenópolis.

Em muitas ocasiões, como na passagem da tocha olímpica pelo território goiano em maio de 2016, símbolo dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, a naturalidade do rural representou o povo goiano. Nos rituais de revezamento da tocha olímpica em duas cidades do interior goiano, Pirenópolis e Itaberaí, e na capital, Goiânia deu-se que, a condução da tocha na cidade histórica de Pirenópolis foi feita por Zezé de Camargo e Luciano, dupla sertaneja goiana famosa em todo o país; na cidade de Itaberaí, a exibição da tocha foi feita em carro de boi comandado pelo Sr. Domingos Galvão, um idoso que apresentou seus bois pelo nome à imprensa e afirmou que aquela cerimônia representava “a tradução do Estado e da cidade”<sup>10</sup>; na capital, Goiânia, a comemoração contou, entre outras atrações, com um grupo de *Catira*, uma dança muito antiga, a dança mais brasileira de todas as danças, segundo o folclorista Couto de Magalhães, considerada versão do Cateretê paulista (LACERDA, 1977, p. 31) e apreciada como manifestação cultural local. O escritor goiano José Mendonça Telles (2010) afirma que "O goiano da gema vive na cidade com um carro de boi cantando na memória"<sup>11</sup>.

Uma pesquisa sociológica foi encomendada pelo jornal local *O Popular* em 2013, denominada *Por que a gente é assim*. Um levantamento qualitativo com diferentes categorias de participantes: goianos, não goianos e pesquisadores da cultura e da formação sociopolítica de Goiás captou "conceitos e opiniões sobre mentalidades, patrimônios simbólicos e

---

<sup>9</sup> Fonte: *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015* / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. p. 24.

<sup>10</sup> Informação disponível em: <http://globoesporte.globo.com/go/olimpiadas/tocha/noticia/2016/05/idoso-conduz-carro-de-boi-com-tocha-olimpica-em-goias-seguro-o-tranco.html>. Acesso em 05 mai. 2016.

<sup>11</sup> A crônica *Ser goiano* foi publicada no sítio da UBE (União Brasileira de Escritores) – Seção Goiás em 10/02/2010. Disponível em: < <http://www.ubebr.com.br/post/cronica/ser-goiano-jose-mendonca-telles>>. Acesso em abr. 2012.

expectativas" no que se refere ao povo goiano. E revelou que "o goiano se vê hoje como uma junção entre origens agrárias, de raízes fincadas no mundo rural, e a urbanização que trouxe a modernidade"<sup>12</sup> (Figura 3).

**Figura 3** – Capa do jornal *O Popular* expondo as conclusões da pesquisa sociológica<sup>13</sup>



Fonte: *O Popular*. Ano 74, n. 21.641. Capa.

Essa capacidade de assimilação de aspectos da modernidade sem perda de identidade cultural é conceituada como *goianidade*, entre outros setores, pela historiografia local como o faz Chaul (2002. p. 30; 2011, p. 42), para quem a comunidade goiana se autopercebe como um "palco da mesclagem campo e cidade, urbano e rural".

## O Português Brasileiro em Goiás

Também se expressa no plano linguístico a vivência do rural em Goiás, com o uso da primeira pessoa do plural *nós* com verbo no singular. A consideração de que a concordância não padrão (sem a desinência *-mos*) é caracteristicamente vinculada ao meio rural se ancora na hipótese de que o dialeto caipira (AMARAL, 1982), trazido pelos Bandeirantes<sup>14</sup> no século XVII, foi a base da composição da língua goiana (AMARAL, 1982; MATTOS, 2013), mantida em estado de ruralização por longo tempo, devido a situação, pós mineração do ouro,

<sup>12</sup> *O Popular*. 03 de abril de 2013. Ano 74, n. 21.641. p. 7.

<sup>13</sup> Fonte: Goiânia, quarta-feira, 03 de abril de 2013. *O Popular*. Ano 74, n. 21.641. Capa.

<sup>14</sup> Bandeiras foram expedições, particulares ou oficiais, de penetração no território brasileiro no século XVI (ASSIS, 2005, p. 19).

de isolamento da população, quando então "o contato com o litoral praticamente desapareceu" (STEVAM, 2004, p. 67).

A heterogeneidade cultural constitutiva do povo goiano se revela na linguagem e faz de Goiás uma *comunidade de fala* no sentido laboviano, isto é, um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos comuns, nível quantitativo maior de comunicação endógena e normas e atitudes semelhantes frente aos usos de linguagem (LABOV, 1972, p. 158, 179).

Em nossa pesquisa, a integração rural-urbano se evidenciou, de um lado, pela concordância não padrão com *nós*, na proporção de 21% dos dados de uso desse pronome, representando a valorização da cultura rural; e, pela predominância, em primeira pessoa do plural, do uso de *a gente* num percentual de 78% (MATTOS, 2013, p. 108), representando a valorização da cultura urbana.

Nossa investigação se baseou em amostra da fala urbana de Goiás composta entre 2009 e 2011. Foram entrevistadas 55 pessoas, 28 mulheres e 27 homens, entre 16 e 86 anos, provenientes de 20 municípios do Estado, inclusive da capital, Goiânia, com um mínimo de 10 anos<sup>15</sup> de estudos regulares.

Alguns exemplos com primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na fala da comunidade goiana encontram-se nos dados de (1) a (6) a seguir.

(1) *mas nós fala errado porque nós qué, porque assim... nós é assim*

(2) *na época nós era pequeno...*

(3) *nós começamos assim, mais ou menos umas quatro horas da tarde, nós chegou lá na casa da minha tia, de noite já*

(4) *eu alcancei ela, porque nós somos um ano de diferença*

(5) *Hoje nós exportamos pra sessenta e cinco países*

(6) *Então foi coisa extraordinária o apoio que minha família dava pra essa parte musical e dois dias antes nós ensaiamos e pegamos a música pra tocar lá, foi incrível porque o pessoal conhecia assim, só sabia que a gente tocava, nunca tinha visto assim, tinha gente que até duvidava, dizia que a gente conversava fiado e quando nós tocamos lá, quando eu dei o clique na baqueta assim e puxei a primeira música*

O exemplo de fala em (1) é emblemático do contexto goiano. Aparentemente contém uma confissão, mas na realidade compreende a representação de dois olhares, um externo e um interno à comunidade. O externo julga errado, mas isso, segundo o olhar interno à comunidade, não interfere nem no desejo de falar assim nem no de ser assim, goiano/goiana.

---

<sup>15</sup> Devido a presença de pessoas com 8 anos de escolarização no ensino fundamental, em vez dos atuais 9 anos, fizemos o retrocesso para 10 anos corresponderem ao patamar mínimo estabelecido de estar cursando pelo menos o 2º ano do Ensino Médio atual.

## **A investigação variacionista: resultados e interpretações**

Na perspectiva laboviana, a linguagem é uma forma de comportamento social (LABOV, 1972, p. 183), intrinsecamente variável, cuja compreensão supõe presumir uma correlação entre os fenômenos linguísticos e seus contextos de prática (SANKOFF, 1988a, p. 157). Índícios dessa correlação são alcançados via um tratamento estatístico das configurações dos dados coletados, com extração de regularidades que governem a variação na comunidade analisada (LABOV, 1994, p. 25; SANKOFF, 1988a, p. 141). Nas próximas seções trataremos, por ordem, da concordância verbal variável com *nós* e da alternância de uso de *nós* vs. *a gente*.

### **A concordância verbal variável com *nós***

A menção ao uso generalizado de singular verbal com as pessoas do discurso na fala goiana, inclusive com o pronome *nós*, remonta ao dialeto caipira (AMARAL, 1982, p. 42), trazido pelos bandeirantes e nativizado em solo goiano. Outros estudiosos, como o dialetologista José A. Teixeira e o escritor Hugo de Carvalho Ramos, também citam essa característica de uso frequente de singular verbal em contextos de plural.

Segundo Amadeu Amaral (1982, p. 72) o singular no verbo acontece mais frequentemente em caso de esquivia da forma verbal proparoxítona: "Quando esdrúxula, a forma se identifica com a do sing.: *nois ia, fosse, andava, andasse, andaria, fazia, fizesse, fazeria*"<sup>16</sup>. Para José A. Teixeira (1944, p. 102) essa característica de uniformidade da flexão nas pessoas verbais invariavelmente no singular é notável na fala de Goiás e dá como um exemplo "Nois foi dá pastu u gadu" (TEIXEIRA, 1944, p. 115). Hugo de Carvalho Ramos (1950, p. 131) descreve o sertão goiano e a fala do roceiro, em matéria veiculada na imprensa em 1918<sup>17</sup>, como de um desconhecimento absoluto das concordâncias.

Em pesquisa etnográfica, com coleta de fala datada entre 1997 e 1999, Muniz (2010, p. 196) confirma essa tendência: na comunidade rural goiana de Jaraguá, localizada a 120 km de Goiânia e a 205 km de Brasília, vigora a tendência dos falantes de usar a forma não padrão na concordância verbal.

---

<sup>16</sup> Resultados de variável linguística de nossa pesquisa confirmam essa tendência apontada por Amaral (1982, p. 72).

<sup>17</sup> O título do artigo é "O interior goiano" (RAMOS, 1950, p. 131).

Esses apontamentos são relevantes porque indicam um uso duradouro e continuado, com conseqüências para a legitimação de que o uso de singular com *nós* na fala goiana tem valor simbólico positivo e identitário. É importante ressaltar que não se trata de reconhecer o fenômeno do uso de *nós* com verbo no singular como próprio unicamente da fala goiana. Esse uso acontece em outras localidades brasileiras, já evidenciado nas pesquisas de Naro, Gorsky e Fernandes (1999, p. 201), Rubio (2012), Zilles (2005), Fernandes (1996) entre outras. No contexto goiano, no entanto, ele remete à matriz linguística de base rural, valorizada mesmo em área urbana, atitude que contrasta com as frequentes atitudes de estigmatizar esse uso no restante do Brasil.

Em 579 dados de *nós* na amostra goiana foram encontrados 123 casos de concordância verbal não padrão, isto é, 21% de frequência de verbo no singular. Este percentual, na oralidade de pessoas com 10 anos ou mais de escolarização, em fala gravada com conhecimento da gravação, revela uma conduta no mínimo desafiadora às expectativas generalizantes de que a escola definitivamente modela um comportamento gramatical padrão na fala das pessoas que moram em meios urbanos brasileiros porque essa é a forma de prestígio na sociedade bem educada.

Numa visão externa à comunidade goiana, a porcentagem de 21% de uso de verbo no singular com *nós* se destaca justamente por apontar uma descontinuidade (o PB não padrão), um desempenho não presumido na fala de pessoas de meio urbano que estudaram até, no mínimo, o segundo ano do Ensino Médio. Numa visão interna à comunidade, porém, essa é uma prática linguística reconhecida como legítima, do tipo que o goiano ou a goiana poderiam defender como "sempre esteve por aqui e ainda nos representa".

É perfeitamente possível interromper, por um breve momento, as rotinas da pesquisa acadêmica e enxergar como autêntica a percepção de quem mora e trabalha no Estado há várias décadas (eu mesma) e prescinde, num primeiro momento de análise, de elaborados testes de atitude sociolinguística para concluir que o povo goiano tem esse uso como um patrimônio linguístico.

A tabela 1 a seguir apresenta os resultados das variáveis sociais selecionadas na análise da concordância verbal variável com *nós*.

**Tabela 1** - Efeito das variáveis sociais na análise da concordância verbal não padrão com *nós* na fala urbana de Goiás - Amostra MATTOS (2009 - 2011)  
Resultados em percentuais e em pesos relativos em relação à ausência da concordância verbal

VARIÁVEIS SOCIAIS	PERCENTUAL DE SINGULAR	PESOS RELATIVOS
<b>FAIXA ETÁRIA</b>		
16 a 24 anos	48/133 = 36%	0,82
25 a 40 anos	52/256 = 20%	0,54
41 a 86 anos	23/190 = 12%	0,22
<i>Range</i>		60
<b>SEXO/GÊNERO DO FALANTE</b>		
Feminino	62/254 = 24%	0,70
Masculino	61/325 = 19%	0,34
<i>Range</i>		36
<b>ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO</b>		
10 – 11 anos de estudos (Ensino Médio)	58/163 = 36%	0,80
Mais de 11 anos de estudos (Ensino Superior)	65/416 = 16%	0,36
<i>Range</i>		44
<b>TOTAL</b>	<b>123/579 = 21%</b>	

Elaboração própria.

Esses resultados foram alcançados com convergência<sup>18</sup> e a ordenação dos *ranges*<sup>19</sup> indica que as magnitudes dos efeitos das variáveis, por ordem decrescente, são faixa etária (60), anos de escolarização (44) e sexo/gênero do falante (36). Para as variáveis faixa etária e sexo/gênero do falante, as tendências apontadas nos fatores das variáveis sociais selecionadas são de que o singular verbal é favorecido na fala dos jovens (0,82) e das mulheres (0,70), enquanto desfavorecem esse uso os mais velhos (0,22) e os homens (0,34).

O protagonismo dos jovens, indicado pelo maior *range* (60), é mais um ponto desafiante pois numa perspectiva externa à comunidade na análise dos resultados, esse protagonismo vai contra a expectativa de que somente uma situação de conversa oral entre pares poderia apresentar as condições ideais para a emergência do sujeito de primeira pessoa do plural *nós* com o verbo no singular. As entrevistas que realizamos com as pessoas jovens, indivíduos entre 16 e 24 anos, foram feitas em situação de interação com uma pessoa adulta, desconhecida, portando um instrumento de gravação da fala.

Se considerarmos o que Labov (1972, p. 209) denomina o Paradoxo do Observador, isto é, uma situação na qual o pesquisador, que necessita captar a fala natural das pessoas,

<sup>18</sup> A convergência indica a parada do cálculo estatístico pelo programa em razão de se ter alcançado um resultado otimizado entre o modelo matemático e os dados observados (GUY e ZILLES, 2007, p. 238).

<sup>19</sup> O *range* é uma medida da magnitude dos efeitos das variáveis selecionadas na rodada (TAGLIAMONTE, 2006, p. 242). Range maior indica efeito maior.

pode não conseguir fazê-lo porque as pessoas tendem a monitorar sua própria fala quando estão sendo observadas, então teremos de reconhecer alguma peculiaridade na situação, uma vez que os jovens não se monitoraram para eliminar da conversa a prática linguística, desprestigiada segundo um olhar externo à comunidade de fala goiana.

Também poderíamos questionar se a educação formal estaria desempenhando seu papel de orientar o ensino de língua materna para o domínio da expressão culta brasileira (FARACO, 2015, p. 26). Não se trata de avaliar negativamente a instituição escolar. Os próprios resultados estatísticos apontam uma diferença de desempenho entre quem tem mais e quem tem menos anos de estudos. Goianos e goianas do primeiro tipo tendem a desfavorecer (0,36) o uso do singular verbal; aqueles com menor nível de escolarização tendem a favorecer (0,80) o singular verbal.

Numa análise variacionista em *tempo aparente* (LABOV, 1972, p. 163; 1994, p. 45) os jovens estariam indicando uma mudança em curso, pois tendencialmente eles são favorecedores do uso do *nós* com singular verbal, fortificando-o e ampliando suas possibilidades de continuação.

No entanto, a projeção desse aumento em Goiás não se define claramente como uma mudança linguística em curso. Antes sugere uma situação de estabilidade para esse uso, no sentido de que ele representa um uso longo na comunidade. Também não é o caso de optar pela interpretação de que os jovens estejam desafiando limites, criando identidade frente aos adultos e delimitando uma solidariedade de uso entre pares (TAGLIAMONTE, 2016, p. 53).

Não é estranho os jovens avaliarem positivamente a fala vernácula e prestigiarem seu uso. Esse foi o exemplo de alguns jovens de Martha's Vineyard (LABOV, 2008 [1972]), uma ilha pertencente ao estado norte americano de Massachusetts muito procurada para veraneio. Nos anos 1960, uma pesquisa de Labov (2008 [1972]) na comunidade vineyardense às voltas com uma invasão de veranistas pouco sensíveis aos valores locais, reconheceu que estaria em curso uma mudança linguística nos ditongos [ay] e [aw], no sentido de seu aumento de uso, articulados com centralização na fala local. Analisando a fala dos jovens ilhotas concluiu que havia um contraste linguístico entre os jovens que não planejavam deixar a ilha e aqueles que pretendiam sair dela (LABOV, 1972, p. 32). Os jovens que pretendiam sair para estudar fora, mas voltar e se estabelecer na ilha, demonstravam altos índices de centralização vocálica; na fala daqueles jovens que não tinham o propósito de voltar e se estabelecer na ilha, no entanto, ocorria uma baixa centralização dos ditongos [ay] e [aw]. A identificação com a ilha era a razão para expressar com realce quantitativo uma característica local.

Interpretar a alternativa dos jovens goianos pelo uso do verbo no singular com *nós* como uma prática análoga àquela dos jovens vineyardenses identificados com a ilha pela centralização dos ditongos na fala é possível. Como motivação fundamental, ambos enfrentam a situação de um constante fluxo de imigrantes, com novos valores e/ novos costumes. Afirmar a identidade linguística local frente a essa ocupação é um ato de salvaguarda simbólica e solidariedade social.

Faz-se necessário, porém, uma aprofundamento na investigação dessa identidade na fala dos jovens goianos, com ampliação da amostra com faixas etárias mais jovens e a consideração de novas variáveis de análise como grau de exposição à mídia e às redes sociais, grau de mobilidade espacial e grau de independência do jovem na tomada de decisões em função do compromisso crescente dos pais com o mercado de trabalho.

No âmbito da escolarização, a fala goiana, em comparação a outras localidades brasileiras, apresenta índices mais altos de variação verbal com *nós*. Na pesquisa de cunho variacionista de Rubio (2012, p. 277), por exemplo, baseada no PB falado no interior de São Paulo, do Banco de Dados Iboruna, os índices de verbo no singular para diferentes níveis de escolarização como Ensino Médio (9 a 11 anos) e Ensino Superior (12 anos ou mais) ficaram bem abaixo dos índices encontrados em Goiás: para Ensino Médio, Rubio (2012, p. 277) encontrou 9,1% de CV não padrão com *nós*, contra 36% em Goiás; para Ensino Superior, Rubio (2012, p. 277) encontrou 4,2% de CV não padrão, contra 16% em Goiás. São diferenças a serem compreendidas segundo um horizonte sócio-histórico e cultural goiano.

A diferença de comportamento linguístico entre homens e mulheres, evidenciado pela seleção estatística, aponta que eles desfavorecem o uso de *nós* com verbo no singular (0,34), elas o favorecem (0,70). Segundo a perspectiva de Bortoni-Ricardo (2011, p. 237), essa diferença espelharia a diferença na transição rural-urbano. Os homens estariam em processo mais adiantado de ajuste à norma padrão exigida no mercado de trabalho e por isso estariam menos propensos à norma não padrão em uso na comunidade. Nessa perspectiva, a fala feminina em Goiás teria um perfil conservador, no sentido de ser mantenedora da forma identitária da comunidade. A continuidade da pesquisa alcançará essa perspectiva de diferenciação de comportamento linguístico entre homens e mulheres de Goiás, e também os efeitos da presença/ausência da desinênciã *-mos* na perspectiva de Naro, Gorsky e Fernandes (1999) e Scherre, Naro, Mattos, Foeger e Benfica (2014), isto é, considerando os efeitos nos níveis funcional (distinção entre tempos verbais) e fonológico (conservação do padrão predominante no Português Brasileiro).

O tema da sintaxe de concordância, verbal e nominal, na fala dos goianos, foi matéria veiculada no jornal goiano *O Popular*. A sondagem empreendida apresentou declarações do tipo:

O goiano é meio rompido com os plurais das palavras. Quando está em família, em conversas informais com amigos, se a situação não pedir uma linguagem formal, bonitinha, aí é que ele não usa o “s” mesmo. E de roldão extermina também as concordâncias verbais e nominais. (BORGES, 2013, p. 7).

Essas afirmações exprimem, em alguma medida, a autopercepção dos goianos, exposta para o mundo via imprensa. Segundo o texto de capa do jornal *O Popular* (Ver Figura 3), o povo goiano está com a autoestima elevada e tem orgulho de suas origens.

Vale enfatizar que o uso de singular verbal com *nós* em primeira pessoa do plural em Goiás não significa um vestígio da ruralidade a ser indiscutivelmente apagado com o aumento da escolarização, trata-se de uma característica linguística identitária renovada.

#### **A alternância *nós* vs. *a gente* em Goiás**

O uso de *a gente* no Brasil tem se revelado um comportamento característico de interações em áreas urbanas, evidenciado em pesquisas variacionistas desde a década de 1990: 79% em João Pessoa, no Estado da Paraíba (FERNANDES, 1996; 2004, p. 156); 75% no Rio de Janeiro (NARO, GÖRSKI E FERNANDES, 1999, p. 208); 71% em Vitória, Espírito Santo (MENDONÇA, 2012, p. 4); e 69% em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (ZILLES, 2007, p. 33).

O mesmo se dá em Goiás, onde o *a gente* predomina (78%) em áreas urbanas, as quais constituem atualmente mais de 90% do território<sup>20</sup>. Na tabela 2 a seguir estão expostas as variáveis sociais selecionadas para a alternância de uso *nós/a gente*, com os *ranges* e os pesos relativos correspondentes ao *a gente*.

---

<sup>20</sup> Informação disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=go&tema=sinopse\\_censodemog2010](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=go&tema=sinopse_censodemog2010)>. Acesso em 20 mar. 2017.

**Tabela 2** - Alternância *a gente* vs. *nós* com concordância na fala urbana de Goiás  
- Amostra MATTOS (2009 - 2011)

Resultados em percentuais e em pesos relativos em relação à forma *a gente*

VARIÁVEIS SOCIAIS	FREQUENCIA DE A GENTE	PESOS RELATIVOS
<b>FAIXA ETÁRIA</b>		
16 a 24 anos	597/682=88%	0,70
25 a 40 anos	708/912=78%	0,50
41 a 86 anos	266/433=61%	0,22
<i>Range</i>		48
<b>SEXO/GÊNERO DO FALANTE</b>		
Feminino	776/ 968=80%	0,60
Masculino	795/1059=75%	0,41
<i>Range</i>		19
<b>ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO</b>		
10 – 11 anos de estudos (Ensino Médio)	697/802=87%	0,69
12 anos ou mais de estudos (E. Superior)	874/1225=71%	0,37
<i>Range</i>		32
<b>TOTAL</b>	<b>1571/2027=78%</b>	

Elaboração própria.

Esses resultados estatísticos, assim como aqueles relativos à concordância verbal variável com *nós*, foram alcançados com convergência. E evidenciam, de antemão, outra similaridade: a ordenação dos *ranges* e a ordenação dos fatores das variáveis para o *a gente* (alternância) são semelhantes àquelas ordenações reveladas no fenômeno da variação verbal com *nós*, expostas na Tabela 1.

A magnitude dos efeitos das variáveis para o *a gente* também apresenta a ordenação: faixa etária (48), anos de escolarização (32) e sexo/gênero do falante (19). E são os mesmos os agentes implicados: os jovens (0,70), as mulheres (0,60) e o segmento menos escolarizado da amostra (0,69). De forma que temos os jovens tanto favorecendo o uso do *a gente* (0,70) quanto o uso do verbo no singular com *nós* (0,82); as mulheres tanto favorecendo o uso do *a gente* (0,60) quanto o uso do verbo no singular com *nós* (0,70); e os falantes com até 11 anos de escolarização favorecendo tanto o *a gente* (0,69) quanto o uso do singular verbal com *nós* (0,80).

Esse arranjo revela uma simetria no comportamento linguístico dos agentes envolvidos. A conexão entre os fenômenos se dá no plano da *goianidade* (CHAUL, 2011)

como concepção e como atuação social. Falantes goianos escolarizados partilham atitude positiva em um cenário duplo: com o uso majoritário do *a gente* em paralelo ao uso vernáculo do *nós* com verbo no singular, aspecto linguístico do caipira, do homem do campo, nesse caso não negativizado.

Faz sentido a proposta de Omena (1986, p. 106), corroborada por Lopes (2003, p. 119) de que no Brasil uma substituição de *nós* por *a gente* na década de 1960 tenha se iniciado pelas mulheres. Em Goiás, o papel sociolinguístico delas tem sido duplo: como vanguarda ao optarem pelo *a gente*, uma forma nova de primeira pessoa do plural, e como retaguarda ao optarem pela manutenção do *nós* com uso vernáculo.

Em janeiro de 2014, a natureza integradora do goiano e seu exemplo como estímulo para "mudanças simbólicas intensas" (BORGES, 2013, p. 2) foi testado. Numa sociedade que harmoniza o rural e o urbano, deu-se o fato da cirurgia de mudança de sexo de um delegado da Polícia Civil de Goiás, atuante na região metropolitana de Goiânia. Na ocasião, o delegado-chefe de Comunicação da Polícia Civil destacou a competência da nova servidora, ponderou que o problema para a Polícia Civil é "policial corrupto, truculento, omissivo e que não atende bem"<sup>21</sup> e que haveria possibilidade de atender ao interesse dela para atuar na Delegacia da Mulher, assumindo o posto como a primeira funcionária transgênero de Goiânia. Em nenhum momento houve avaliações negativas ou reações adversas, condutas em geral associadas a sociedades rurais conservadoras. O que se deu na realidade foi uma reafirmação da capacidade goiana para a integração entre tendências conservadoras e tendências modernizadoras, ambas interagindo no espaço urbano.

### **Considerações Finais**

As evidências estatísticas alcançadas na análise dos fenômenos de alternância de uso das formas *nós* e *a gente* e de concordância verbal variável com *nós* na fala de pessoas nascidas em Goiás, na faixa etária entre 16 e 86 anos, moradoras em áreas urbanas e com no mínimo 10 anos de escolarização apontam fenômenos linguísticos distintos regidos pelos mesmos agentes e com iguais dinâmicas linguísticas. Na alternância de uso das formas de primeira pessoa do plural predomina o *a gente*, favorecido na fala dos jovens, das mulheres e daqueles com menos anos de escolarização; na variação verbal com *nós*, o singular é uso

---

<sup>21</sup> Informações disponíveis em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1402594-delegado-de-goias-faz-cirurgia-de-mudanca-de-sexo.shtml>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

também favorecido na fala dos jovens, das mulheres e daqueles com menos anos de escolarização.

Razões de diversas ordens, ao longo do tempo, como o avanço da estrada de ferro, vinda de São Paulo, nos anos 1930-50, a inauguração de Brasília, a nova capital do país, nos anos 1960, o impulso de ocupação de terras no Centro-Oeste e o início do desenvolvimento da industrialização nos anos 1970, por exemplo, geraram uma conjuntura que levou ao fortalecimento do intercâmbio de Goiás com outros Estados da Federação e ao desenvolvimento econômico local em novas bases. São transformações que, juntamente com o crescente número de imigrantes, expandiram os usos linguísticos, certamente promovendo a introdução do *a gente* sem, contudo, excluir o uso do verbo no singular com *nós*.

Atualmente, a fala goiana de primeira pessoa do singular se assemelha ao que vigora no Brasil, no que se refere à predominância do *a gente*, mas se diferencia no que diz respeito ao uso do *nós* com singular verbal, em proporção (21%) acima da encontrada em pesquisas sociolinguísticas de áreas urbanas brasileiras.

Essa porcentagem foi captada entre pessoas com mais de 10 anos de escolarização nesta pesquisa, mas nossa expectativa é de que em uma amostra de fala goiana mais abrangente esse percentual seja maior. Moramos no Estado há muito tempo e não temos percebido, ainda que não tenhamos evidências estatísticas no momento, um arrefecimento desse uso, encontrável na fala de pessoas das mais diversas ocupações profissionais.

Tomamos a versatilidade do povo goiano, a reconhecida *goianidade*, uma característica cultural que se baseia na mescla de campo e cidade, urbano e rural (CHAUL, 2002, p. 30), uma interpretação confiável para a compreensão da coexistência de valores linguísticos que localmente se harmonizam, embora, de uma perspectiva exterior à comunidade, sejam valores linguísticos inconciliáveis. A comunidade de fala goiana integra um uso da herança rural (o *nós* com verbo no singular) com um uso que representa a urbanidade (o *a gente* com verbo no singular)<sup>22</sup>. Nesse sentido, reconhecemos, na realidade linguística goiana de primeira pessoa do plural, um duplo alinhamento: uma filiação identitária linguística nacional, pelo uso preponderante do *a gente*, e a preservação de uma identidade linguística local, pelo uso do *nós* com verbo no singular (MATTOS e SCHERRE, 2015).

A continuação deste estudo, dependente da ampliação da amostra, continuamente na perspectiva teórico-metodológica do variacionismo laboviano (LABOV, 2008 [1972]),

---

<sup>22</sup> A fala de Goiás apresentou baixíssimo nível de plural no verbo com sujeito *a gente*.

tratará: 1) da frequência de uso do *nós* com verbo no singular em outras faixas etárias e outros níveis de escolarização na comunidade de fala goiana; 2) de discutir a perspectiva de Naro e Scherre (2016), para quem a instituição do *a gente* no PB, um sujeito no singular representando semanticamente a primeira pessoa do plural, promoveu uma maneira de impedir o conflito sociolinguístico de uso do *nós* com verbo no singular, um uso estigmatizado em áreas urbanas brasileiras; e 3) aprofundará a investigação nas perspectivas de variação estável ou de mudança em curso (WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. 1968, p. 103; LABOV, 1972, p. 160-163).

## Referências

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4.ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1982.

ASSIS, Wilson R. *Estudos de história de Goiás*. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

BERTRAN, P. (org.). *Notícia geral da capitania de Goiás em 1783*. Tomo I. Goiânia/Brasília: Ed. Da PUC Goiás, Ed. Da UFG, Solo editores, 1997.

BORGES, R. Mundo novo sem porteiras. *O Popular*, 3 abr. 2013. p. 2. Porque a gente é assim. Caderno Especial.

\_\_\_\_\_. Puxa o “r” de cá, engole o “s” de lá. *O Popular*, 3 abr. 2013. p. 7. Porque a gente é assim. Caderno Especial.

BORGES, Dalmo Vinicius C. *Construções causativas no português do Centro-Oeste nos séculos XVIII-XIX e no português atual*. Brasília, 2008. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

BORGES, D. V. C. e SALLES, H. M. M. L. Complementação sentencial no português da província de Goiás no século XVIII. Fortaleza, SBPC, jul. 2005. Disponível em: [http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/senior/RESUMOS/resumo\\_2881.html](http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/senior/RESUMOS/resumo_2881.html)

BORGES, Dalmo; LIMA-SALLES, Heloisa M. M. ; PILATI, Eloisa. O Projeto "O Centro-Oeste na história do português brasileiro: subsídios da sócio-história ao estudo da mudança linguística e hipóteses de trabalho. In: CARDOSO, Caroline R.; SCHERRE, Maria M. P. ; LIMA-SALLES, Heloisa M. M.; PACHECO, Cintia. *Variação linguística, contato de línguas e educação: contribuições do III Encontro do Grupo de Estudos Avançados de Sociolinguística da Universidade de Brasília*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 219 – 237.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRASIL. Presidência da República. *Constituição da Republica Federativa do Brasil*, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>.

CHAUL, Nasr F. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora da UFG, 2002.

\_\_\_\_\_. A identidade cultural do Goiano. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 63, n. 3, July 2011. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252011000300016&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252011000300016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 Set. 2011.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 18. ed. São Paulo: Global, 1985.

ESTEVAM, Luís. *O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás*. 2.ed. Goiânia, GO: Ed. Da UCG, 2004.

FARACO, C. A. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (orgs.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FERNANDES, Eliene. Fenômeno variável: nós e a gente. In: HORA, D. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria (RS): Pallotti, 2004.

FERNANDES, Eliene. *Nós e a gente: variação na cidade de João Pessoa*. 1996. 117f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1996.

FREITAS, Lena C. B. F. de; SILVA, Nancy H. R. de A. e. Fazendas goianas. *Ateliê geográfico*. Goiânia – GO, v. 7, n. 3, p. 257 – 267, dez. 2013.

GUY, G. R. e ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *População jovem no Brasil: a dimensão demográfica*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/Popula>

\_\_\_\_\_. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015* / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [*Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, M. Marta P. Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008].

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford, Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: social factors*. Massachusetts: Blackwell publishers, 2001.

LACERDA, Regina. *Folclore brasileiro: Goiás*. Rio de Janeiro: MEC – FUNARTE, 1977.

LOPES, Célia R. dos Santos. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2003. Col. Linguística Iberoamericana, vol. 18.

MATTOS, S. E. R. *Goiás na primeira pessoa do plural*. Brasília. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, 2013.

MATTOS, S. E. R. e SCHERRE, M. M. P. Local and National Identity in Central Brazil. NWAV 44. Toronto, Canadá. Pôster. 2015.

MENDONÇA, Alexandre K. de. *Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba*. Rev. Percursos linguísticos. v. 2, n. 4 (2012). Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3173/2639>>. Acesso em 1 mai. 2016.

MUNIZ, L. M. C. Falas jaraguenses: uma etnografia de uma comunidade rural goiana. In: BORTONI-RICARDO, S. M.; VELASCO, A. M. de M. Sarmento; FREITAS, V. A. de L. (orgs.). *O falar candango: análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais*. Brasília: Editora UnB, 2010.

NASCIMENTO, André M. Variação e mudança na expressão do dativo em comunidades rurais goianas e suas relações com o português brasileiro. *Domínios de lingu@gem*. Ano 3, n. 2, 2/2009. p. 36-74.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, Philadelphia, v. 11, n. 2, p. 197-211, 1999.

NARO, A. J. e SCHERRE, M. M. P. General principles governing variation in Brazilian Portuguese. NWAV 45, Plenaries. 3 – 6 nov. 2016. Simon Fraser University. Canada, 2016. Disponível em: <<http://linguistics.arts.sfu.ca/nwav45/program/>>. Acesso em 20 mar. 2017.

NAZARIO, M. de L. O uso variável do artigo definido diante de possessivo na variedade linguística dos Almeidas –GO. In: CARDOSO, Caroline R.; SCHERRE, Maria M. P. ; LIMA-SALLES, Heloisa M. M.; PACHECO, Cintia. *Variação linguística, contato de línguas e educação: contribuições do III Encontro do Grupo de Estudos Avançados de Sociolinguística da Universidade de Brasília*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

NOGUEIRA, M. F. M. *et alii*. A idealização da natureza, do imaginário ao comemorado: os processos de simbolização em narrativas da identidade rural goiana. *Comunicação & informação*, v. 16, n. 1, p. 36 – 49. Jan./ jun. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/ci/article/view/24437/15329>>. Acesso em 04 mai. 2016.

OMENA, N. P. “A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural”. In: NARO, A. J. et alii: *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986, 2:286 – 319.

PÁDUA, Hosamis R. de. *Linguística e história em Acaba Vida*. Goiânia: Ministério da Integração Nacional/UFG, 2002. Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Obras completas*. São Paulo: Panorama, 1950.

REZENDE SANTOS, Tânia Ferreira. A mudança *Adjetivo/Nome > Nome/Adjetivo* e o conservadorismo da fala rural goiana. Belo Horizonte, 2008. 573 f. Tese (Doutoramento em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

REZENDE, Tânia F. Tendências à padronização da realização fonética do /R/ em Goiás. In: CARDOSO, Caroline R.; SCHERRE, Maria M. P.; LIMA-SALLES, Heloisa M. M.; PACHECO, Cintia. *Variação linguística, contato de línguas e educação*: contribuições do III Encontro do Grupo de Estudos Avançados de Sociolinguística da Universidade de Brasília. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.

RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu*: estudo sociolinguístico comparativo. 2012. 392f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SALLES, *O Centro-Oeste na história do português brasileiro*. Projeto de pesquisa. PIBIC/CNPQ – UnB, 2004.

SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, Sali & SMITH, Eric. *Goldvarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <[http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref)>.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. *Linguistics: the Cambridge Survey*. IV Language: the socio-cultural context (F. Newmeyer, ed.), Cambridge: Cambridge University Press, 1988a. p. 140-161.

\_\_\_\_\_. Variable rules. In Ammon, U., Dittmar, N. & Mathheier, K.J. (Eds.), *Berlin Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society Vol. 2*. Walter de Gruyter, 1988b. p. 984-998.

SANTOS, Tânia F. R. e PÁDUA, H. R. de. “*r caipira*” e identidade lingüística em Goiás. Resumos do III Encontro da AB ECS - Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, 2004. Disponível em: [http://www.abecs.net/site/images/stories/arquivos/PDF/3\\_resumos.pdf](http://www.abecs.net/site/images/stories/arquivos/PDF/3_resumos.pdf).

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. ; MATTOS, S.; FOEGER, C. e BENFICA, S. Concord without concord: 1st plural pronoun nós ‘we’ in Brazilian Portuguese. Disponível em: <[http://www.nwav43.illinois.edu/program/documents/Scherre-Longabstract\\_2014\\_09\\_13\\_23\\_16\\_18\\_965.pdf](http://www.nwav43.illinois.edu/program/documents/Scherre-Longabstract_2014_09_13_23_16_18_965.pdf)>. Acesso em 13 mar. 2017.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing sociolinguistic variation*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *Teen talk*. The language of adolescents. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

TEIXEIRA, José D'Aparecida. *Estudos de dialetologia portuguesa: linguagem de Goiás*. São Paulo: Anchieta, 1944.

TELLES, José Mendonça. Ser goiano. UBE-GO, 2010. Disponível em: <http://www.ubebr.com.br/post/cronica/ser-goiano-jose-mendonca-telles>. Acesso em mai. 2011.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.]

ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of a *gente* as a cluster of changes: evidence from apparent and real time studies . *Fórum Lingüístico*. v. 4, n. 1 (2007).

ZILLES, Ana M. S. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a *gente* in Brazilian Portuguese. *Language variation and change*, 17, 19-53. Cambridge U. Press, 2005.

Artigo recebido em: 04/04/2017.

Artigo aceito em: 05/07/2017

Artigo publicado em: 20/07/2017.